

MEMÓRIA E TRAUMA DA DITADURA MILITAR NAS OBRAS *OS BÊBADOS E OS SONÂMBULOS* E *NOCTURNO DE CHILE*

Sophia Loren Pereira de Oliveira¹
Gleidys Meyre da Silva Maia²

RESUMO

Este artigo pretende analisar as significações do trauma e da memória da ditadura militar na obra brasileira *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* de Bernardo Carvalho (1996) e na obra chilena *Nocturno de Chile* (2000) de Roberto Bolaño, que retratam os momentos sombrios da ditadura militar vivenciados por esses e outros países da América Latina. Essa é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e dialética que teve as análises das estratégias literárias e fenômenos discursivos embasados no pensamento teórico de Roger Chartier (2002), Regina Delcastagne (2012) e Jaime Ginzburg (2012). No que se refere à questão da memória e do trauma deixado após a ditadura militar, as análises foram pautadas nos conceitos de Márcio Seligmann Silva (2004; 2005). Buscou-se verificar como as estratégias literárias e fenômenos discursivos são importantes na representação das relações de violência entre os governos autoritários e os sujeitos sociais, a fim de perceber como o discurso literário pode se aproximar ou se distanciar do discurso histórico e apontar as significações do trauma e da memória desses povos que conheceram essa forma de governo autoritário.

Palavras-chave: Memória. Trauma. Ditadura. Representação Literária.

ABSTRACT

This article aims to analyze the meanings of the trauma and memory of the military dictatorship in the Brazilian literature *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* by Bernardo Carvalho (1996) and in the Chilean literature *Nocturno de Chile* (2000) by Roberto Bolaño, which portray the dark moments of the military dictatorship experienced by these and other Latin American countries. This is a Bibliographic, Qualitative and Dialectical research that analyzed literary strategies and discursive phenomena based on the theoretical thinking of Roger Chartier (2002) and Regina Delcastagne (2012) and Jaime Ginzburg (2012). Regarding the issue of memory and the trauma left after the military dictatorship, the analyzes were based on the concepts of Márcio Seligmann Silva (2004;2005). We sought to verify how literary strategies and discursive phenomena are important in the representation of relations of violence between authoritarian governments and social subjects, in order to understand how literary discourse can approach or distance itself from historical discourse and point out the meanings of trauma and memory of these people who experienced this form of authoritarian government.

Key-words: Memory. Trauma. Dictatorship. LiteraryRepresentation.

INTRODUÇÃO

A ditadura militar é um sistema de governo autoritário que vigorou nos países da América Latina no século XX. Esses sistemas de governo foram responsáveis pela desestabilização do Estado com a justificativa de restabelecimento da ordem e de legitimidade de uma suposta democracia que garantiria a organização e construção de uma ordem política, social e cultural. No entanto, as suas estratégias para tomar o poder governamental revelam que

¹ Acadêmica do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: loren.sophi@hotmail.com

²Profª Doutora em Letras do Colegiado do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: mulamarmela@gmail.com

o regime militar cultivava elementos antidemocráticos que iam de encontro aos direitos humanos.

O interesse por essa pesquisa nasceu da disciplina *História e Literatura: visões da América Latina*, uma disciplina optativa do curso de Letras do CESP-UEA, em que foi possível tomar conhecimento de questões históricas, políticas e sociais vividas pelas nações latino-americanas, como as ditaduras militares. Assim, decidimos por pesquisar com um olhar mais atento a questão do trauma deixado na memória dessas nações e que podem ser evidenciadas nas obras literárias escolhidas para serem analisadas.

Para tanto, foram selecionadas as obras *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, do autor brasileiro Bernardo Carvalho, publicada em 1996 e *Nocturno de Chile*, do autor chileno Roberto Bolaño, publicada em 2000. As obras em análise foram indicadas pela orientadora por fazerem parte desse grande acervo de obras que relacionam o discurso literário e o discurso histórico, e são responsáveis por criar e manter viva a memória coletiva do período e contexto a que se referem suas escritas.

O objetivo dessa pesquisa é analisar as relações de conflitos existentes entre os governos autoritários e os sujeitos sociais envolvidos, mostrar como literatura e história se relacionam em face da ficção e da realidade de fatos históricos e apontar as significações do trauma e da memória da ditadura militar explorando o seu potencial expressivo.

Esse trabalho mostra-se relevante no âmbito social por discutir as relações que são estabelecidas entre governos autoritários e os sujeitos sociais em determinado período histórico, bem como no âmbito acadêmico por contribuir para discussões teóricas acerca da representação literária que essas obras trazem na sua isomorfia e significação e como isso se relaciona com a história.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi realizada no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins, na Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Trata-se de uma pesquisa que se fundamenta na análise das obras literárias *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, (1996), do autor brasileiro Bernardo Carvalho e *Nocturno de Chile*, (2000,) do autor chileno Roberto Bolaño, que trazem em sua escrita marcas das ditaduras militares que ocorreram nesses e em outros países da América Latina.

A presente pesquisa defende o estudo do homem, ou seja, considera que o ser humano interpreta o mundo e o reconstrói continuamente, em um processo de transformação da

realidade social. Segundo Guerra (2014, p. 10) “os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças”. Assim, esse é um estudo que leva em conta os indivíduos, grupos ou organizações e suas ações no contexto social em que estão inseridos.

Essa é uma pesquisa acerca da literatura que não pode, portanto, abdicar de métodos próprios aos estudos literários, pois “[...] as discussões metodológicas não s[ão] uma parte limitada do conjunto da Ciência, uma espécie de produto suplementar, mas lhe s[ão] o próprio centro” (Todorov, 1970, p. 117-118). Assim, por tratar de uma pesquisa científica é necessário estabelecer um caminho norteador para se realizar essa investigação.

Desde o século XVII o autor empirista Bacon, com o *Novum organum*, (1620) e o autor racionalista Descartes, com o *Discurso do método*, (1637), iniciaram as discussões acerca dos métodos, que são até os dias de hoje a base da concepção de método moderna e são indispensáveis para orientar qualquer tipo de pesquisa.

O método que norteará essa pesquisa é o Dialético, no qual tem como objeto duas obras literárias, portanto, foram utilizados elementos de uma crítica literária, comparativa, histórica e sociológica. Assim, se baseia em teses que irão nos predispor novas hipóteses acerca das obras analisadas, bem como a execução de novas sínteses, em uma atividade de interpretação dinâmica da realidade.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada por meio de análises de obras, artigos científicos, depoimentos judiciais e toda forma de divulgação científica que permita conhecer a fundo sobre a temática desse trabalho. Portanto, é uma pesquisa realizada a partir de estudos anteriormente realizados acerca de nossas hipóteses.

Optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que consideramos que toda realidade que envolve objeto deve ser vista como potencial para ser analisado. Maia (2022) aponta que “fazer ciência, pois, não é afastar-se da realidade, mas com ela dialogar”, nesse caso, as relações de conflitos entre os governos autoritários e os sujeitos sociais representados nas obras em análise, são fruto de uma realidade vivida em determinado período histórico, logo, essas obras, dada a sua condição artística, permite “que todo potencial expressivo, imaginário e fictício, seja explorado, possibilitando formas outras de experiência na e com a realidade”.

Segundo Maia (2022, p. 4):

Estamos, por isso, no campo da ciência factual, aplicada, que trata de objetos empíricos ou materiais, em constante efervescência. Não lidamos com entes ideais, como o faz a ciência formal (por exemplo, a matemática), que se utiliza de símbolos abstratos para a construção puramente teórica, com vistas à precisão conceitual. Em nosso caso, os achados científicos fundam-se na observação do real e precisam ser

constantemente verificados e reformulados, porque as constrações sociais assim o exigem.

Considerando que o nosso objeto de estudo são duas obras literárias, fizemos a escolha do tema e desenvolvemos a elaboração do plano provisório do assunto. Assim, selecionamos as fontes bibliográficas, em seguida a leitura do material, realização de fichamentos e a organização lógica do assunto do que se leu sobre as obras-base e os textos teóricos, bem como acerca da história e da literatura.

Após essa primeira etapa da pesquisa, decidimos iniciar com uma abordagem geral do contexto histórico da ditadura militar, mantendo o foco em como se deu esses golpes militares nos países de Brasil e Chile. No decorrer desse estudo apresentamos quais estratégias os militares utilizaram na tentativa de legitimar a sua suposta democracia. Em seguida, discutimos acerca dos sistemas de governos autoritários, suas características e como se organizam para conquistar e se manter no poder.

Após essa abordagem histórica, mostramos como o discurso histórico e o discurso literário, se relacionam na representação de fatos reais e como são importantes para criar um imaginário e memória social acerca da temática que abordam. Diante dessas abordagens e ao longo desse artigo, relacionamos as obras em análise com os conceitos levantados.

Por fim, realizamos a comparação das obras, apontando quais estratégias literárias os autores utilizam para mostrar como o trauma deixado por essas ditaduras militares estão presentes na memória individual e coletiva dessas nações que foram vítimas de governos autoritários em determinado período da sua história.

ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO DA DITADURA MILITAR

Ao longo da história do Brasil e do Chile podemos perceber diferentes formas de governos e de que forma evoluíram até os dias de hoje. Dentre esses governos, destacamos o governo ditatorial que assombrou o Brasil de 1964 a 1985 e o Chile de 1973 a 1990. A ditadura militar foi um período antidemocrático que deixou muitas marcas individuais e coletivas na memória dessas nações que vivenciaram momentos de terror, violência, tortura, repressão, censura e morte.

A ditadura brasileira não possuía legitimidade democrática, mas se autodefinia, segundo Rezende (2013, p.3) “como propulsor de uma forma de democracia que seria singularmente ajustada à realidade brasileira”. Assim, se empenhava em disseminar discursos convincentes

para encontrar meios de aceitabilidade para o seu projeto de sociedade em favor da democracia, que se fundavam em “valores ligados à preservação da família, à remodelação da escola segundo os padrões do novo regime, à proteção da propriedade, ao direito de crença religiosa, dentre outros” (Rezende, 2013, p. 39). Assim, por meio de suas diversas estratégias de persuasão o regime militar se instalou, com uma suposta aceitabilidade da maioria dos agentes sociais.

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a se deparar com o regime autoritário. A ditadura fez um trabalho minucioso para se instalar e contou com manobras que atingiam todas as esferas da sociedade, alastrando o caos através de meios midiáticos para desestabilizar o Estado e posteriormente propagar seus ideais e projeto de ordem da sociedade.

Arns (1985, p.59) aponta que:

Praticamente toda a classe média e setores importantes dos trabalhadores rurais e urbanos estavam ganhos pela propaganda anticomunista. Seus principais veículos foram os organismos financiados pelos Estados Unidos, o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e a Igreja Católica, especialmente a sua hierarquia, que se une contra a agitação contra o governo, amparada pela grande imprensa, e enseja as célebres “marchas da família, com Deus, Pela liberdade”.

No Brasil, os militares vinham se articulando há anos para derrubar o regime civil e tomar o poder, propagavam um discurso contra as tendências políticas, investiram fortemente para instalar o colapso político que teve como consequência a renúncia de Jânio Quadros de seu cargo de presidente da república, em 1961, ele que havia sido eleito democraticamente, não resistiu à pressão de opositoristas.

Jânio foi substituído pelo seu vice-presidente João Goulart, “apontado como radical pela alta hierarquia das Forças Armadas” (Arns, 1985, p. 57). Goulart lutou bravamente contra as investidas dos militares com apoio de uma ampla mobilização popular, mas a ditadura militar se instalou em 1964 com o golpe militar que derrubou o regime civil brasileiro com a justificativa de restauração do país por meio de uma suposta democracia.

De acordo com as investigações que se fizeram depois acerca desse golpe à democracia, se confirmou o fato de que o Estado militar contou com o apoio econômico e de estratégias militares e sociais do governo norte-americano bastante enfatizado nas obras *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* e *Nocturno de Chile* como propulsores das Ditaduras. Arns (1985, p.58) aponta que “A disposição de ajuda dos norte-americanos representou o último sinal para que os generais interessados em derrubar o presidente passassem à ação”.

Os militares também contavam com o apoio do partido político Aliança Renovadora Nacional (ARENA), bem como de grandes instituições brasileiras e parte da Igreja Católica. A relação de cumplicidade entre militares e parte da Igreja Católica é retratada em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, na passagem em que o padre de uma igreja localizada em Santiago, no Chile, entrega aos militares brasileiros um homem que estava desaparecido e reapareceu no Chile nove anos mais tarde:

O vice-cônsul nos esperava na calçada, ao lado do nosso carro, com a porta de trás já aberta. Pedi que não nos preocupássemos; iria mais tarde, depois de resolver todas as questões práticas, o pagamento do hotel e a “contribuição à igreja”. Achei que não tinha entendido direito, mas também não quis perguntar. Todos estavam já bastante tensos, podia ter ouvido errado. Uma contribuição à igreja e ao padre que, de certa forma, localizou o psiquiatra e informou as autoridades. Por que não? Afinal, tinha prestado um serviço e aquele era um país católico (Carvalho, 1996p. 46)

Assim que os militares começaram a reger a política no Brasil, preocuparam-se em fazer mais do que a morte do governo constitucional de Goulart, e logo promulgaram diversos atos institucionais que se encarregaram de anunciar a morte do regime democrático.

Rezende (2013, p. 91) aponta que:

Em 13 de dezembro de 1968 passou a vigorar o Ato Institucional nº 5, o qual significava a implantação do estado de terror em nome da continuidade e do aprimoramento da ordem institucional. O executivo passava a ter poderes para intervir em todas as esferas da sociedade. Institucionalizava-se a tortura e outras formas de repressão. O grupo de poder justificava o golpe dentro do golpe como a única saída, tendo em vista que os movimentos de resistências criavam uma situação de embaraço para o governo e para o próprio regime.

Assim se legitimou a tortura e os meios de violência que desencadearam uma série de prisões, diversas formas macabras de tortura contra homens, mulheres, gestantes e crianças, além de milhares de mortes e desaparecidos políticos, tudo em nome de uma ideologia nacionalista e anticomunista. As estratégias de violência, tortura e crueldade ignoravam totalmente os direitos humanos.

Na obra *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, há representação dos casos de desaparecimentos sem explicação, bem como ocorria na ditadura militar, quando milhares de pessoas desapareceram sem deixar rastros ou qualquer satisfação aos familiares, assim como ocorreu com o personagem do psiquiatra e outros mencionados. A tortura também é evidenciada nos relatos do desaparecido que, quando reaparece, relata que um dia também havia feito parte do grupo de opressores e era encarregado de fazer com que os presos falassem o que os militares queriam ouvir:

Quando cheguei, ele estava sozinho no cubículo frio e escuro. Conversei com ele. Disse que era melhor ele falar logo tudo, melhor para ele e para mim. Mas não abria a boca. Por isso, resolveram começar as sessões logo naquela noite. Por isso tinham me chamado, porque ele não falava desde que tinha chegado. Não havia meios, ainda que tenha falado do advogado, até alguém rir e lhe dar um murro na cara. Quando cheguei parece que estava com a cara arrebatada, mas no escuro eu não via. Tentei trazê-lo ao bom senso. Não é que estivesse imbuído de uma coragem heroica ou de brios de consciência, embora fosse o que os outros achassem. Não era nada disso. Estava apavorado. Não falava, simplesmente porque não tinha o que dizer (Carvalho, 1996, p.60).

Muitos eram mortos ou dados como desaparecidos políticos pela ditadura militar, o desaparecimento era uma estratégia de terror para gerar uma corrente de medo na sociedade e impedir que os civis se manifestassem contra os golpistas. Até parte da hierarquia da Igreja que havia apoiado a deposição de Goulart, passa, “[...] por transformações e começa a enfrentar dificuldades crescentes nas suas relações com o Estado, tornando-se também vítima dos atos repressivos: há prisões de sacerdotes e freiras, torturas, assassinatos, cerco a conventos, invasões de templos, vigilância contra bispos” (Arns, 1985, p. 63).

No Chile, a ditadura militar também assombrou a população e se deu de forma muito mais violenta e com muito mais derramamento de sangue do que no Brasil, em princípio. Em *Nocturno de Chile*, o personagem padre Sebastián Urrutia, já em seu leito de morte, relata que dois homens norte-americanos, a serviço da Casa de Estudos dos Arcebispos, deram a ele a missão de ir aos Estados Unidos verificar e aprender os modos como se comportavam nas igrejas européias e trazer os ensinamentos ao Chile.

Posteriormente, em outra ocasião, o convidaram para dar aulas secretas sobre marxismos aos militares, tentou resistir, mas acabou cedendo “¿Quién esson mis alumnos ?, dije. El general Pinochet, dijo el señor Oido. Tragué aire. ¿Y quién más? El general Leigh, el almirante Merino y el general Mendoza (Bolaño, 2000, p.67).

A narrativa de Bolaño traz metanarrativas das quais se alimentavam os militares, como o marxismo, evidenciando como o autoritarismo se apropria de teorias e busca estudá-las e concretizá-las sob a forma governamental. Além de trazer personagens militares que de fato estiveram envolvidos na ditadura militar chilena, como o general Augusto Pinochet, um dos maiores ditadores da história chilena.

O golpe chileno foi alimentado anos antes de sua concretização por militares e grupos de direita, com apoio da Democracia Cristã. Inicialmente houve a tentativa de impedir a posse do presidente legítimo, Salvador Allende, eleito em 1970. Posteriormente viabilizaram o golpe que viria a derrubá-lo, por meio de estratégia propagandística de desinformação para provocar

os esquerdistas, minar o governo, desencadear uma pressão psicológica e gerar o caos político. Problemas econômicos e de reposição de mercadorias, bem como atividades terroristas foram praticadas com o apoio da CIA, visto que “A intervenção norte-americana se fez mais intensa após a posse de Allende” (Mendes, 2013, p. 182).

A classe operária resistiu e lutou o quanto pôde contra as investidas da burguesia, mas o golpe de Estado aconteceu instaurando a ditadura militar em 11 de setembro de 1973, derrubando o governo de Salvador Allende, que foi assassinado no bombardeio no Palácio de La Moneda ao combater os golpistas. Imediatamente ao golpe de Estado foram detidas centenas de pessoas no Estádio Nacional, submetidas a um aniquilamento em massa. Mendes (2013, p. 183) aponta que “Oficiais legalistas foram imediatamente presos, alguns assassinados em sessões de tortura. Ao longo de um ano, aproximadamente 30 a 50.000 vítimas foram feitas”.

Em *Nocturno de Chile*, a personagem principal, Padre Sebastián, ao se instaurar o golpe de 1973, limita-se a ler, à espera que a crise passe, numa recusa a envolver-se, enquanto La Moneda é bombardeada e Allende é assassinado: “Entonces yo me que dé quieto, com un dedo em la página que estaba leyendo, y pensé: qué paz. Me levanté y me assomé a la ventana: qué silencio” (Bolaño, 2000, p. 74).

O golpe foi presidido por militares coordenados por Augusto Pinochet e com o apoio da CIA. O governo norte americano visava o controle dos lucros das empresas americanas, que acreditavam estar em risco, por isso agiram para eliminar o poder social dos grupos subalternos que cresceu com o governo constitucional da Unidade Popular.

Após o golpe de 1973, foram criados centros clandestinos de detenção, tortura e extermínio. Na obra *Nocturno de Chile* se evidencia a prática de tortura em um desses lugares de horror do Chile. Ficava na casa de um norte-americano chamado Jimmy, casado com uma aspirante a escritora, María Canales, onde se reuniam em *soirées* literárias, alguns escritores que restaram da violenta depuração após o golpe. Certo dia, um dos visitantes, adentrou nos baixos da casa e assistiu a um homem vendado, num quarto destinado à tortura, amarrado em uma cama e com sinais de tortura pelo corpo. Anos depois a escritora conta ao personagem principal o que ocorria lá, convidando-o a descer ao inferno subterrâneo.

Aquí mato um empleado de Jimmy al funcionario español de UNESCO. Aquí mató Cecilia Sánchez Poblete. A veces yo estaba viendo la tele com los niños y se ibala luz por un rato. No oíamos ningún grito, solo La electricidad se iba de golpe y después volvía” (Bolaño, 2000, p. 108).

Naquela casa conviviam em uma rotina o casal e os dois filhos, normalmente, enquanto a tortura ocorria de forma banalizada:

En sua casa, por regla general, no se mataba a nadie. Sólo se interrogaba, aunque algunos murieron. También se supo que Jimmy había viajado a Washington y había matado a un antiguo ministro de Allende y, de paso a una norte-americana. Y que había preparado atentados en Argentina contra chilenos exiliados e incluso algún atentado en Europa, tierra civilizada que Jimmy había sobrevolado con la timidez propia de los nacidos en América. Eso se supo. María Canales, por supuesto, lo sabía desde mucho antes (Bolaño, 2000, p. 105).

E assim são representados por meio da obra literária esses centros de tortura que existiram no Chile, e abrigavam os maiores horrores. De acordo com a Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura, nomeada pelo presidente Ricardo Lagos em 2003, foram identificadas no Chile cerca de 28.459 vítimas de prisão política e tortura, após o golpe de 1973. Houve um total de 34.690 prisões, das quais 1.244 tinham menos de 18 anos, e 176 eram menores de 13. As mulheres foram 3.621, ou seja, 12,72%. Mais recentemente, já com o presidente Sebastián Piñera, seriam reconhecidas mais de 40.000 vítimas, com 3.065 mortos ou desaparecidos, desde 1973 a 1990. Só na Villa Grimaldi, o maior centro de detenção do Chile, estiveram 132 detidos desaparecidos (Marín, 2016, p. 105).

Não foi somente no Brasil e no Chile que houve intervenção da ditadura militar, outros países da América Latina como Argentina, Uruguai e Bolívia também viveram momentos de terror com as ações de selvageria que esses regimes utilizavam para dominação da sociedade. Godinho (2020 p. 14) destaca que “A Operação Condor foi uma parte dessa conjugação, através da iniciativa do governo norte-americano, coadjuvado com a violência de Estado e com forças de extrema-direita da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai”.

A criação de campos de concentração de prisioneiros, torturas, assassinatos políticos em massa e morte em grande escala foram conhecidos por essas nações que tiveram a privação de qualquer tipo de liberdade democrática durante o período que durou essas ditaduras militares. As histórias marcadas por traumas de decisões políticas são veiculadas até os dias atuais e, portanto, ficaram na memória por meios midiáticos e de testemunhos literários e históricos de pessoas que viram de perto esse período histórico.

SISTEMAS DE GOVERNOS AUTORITÁRIOS

Os sistemas de governos autoritários são postos em prática por meio de estratégias que os beneficiam prolongando o seu tempo como líder governamental em um país. Essas estratégias fazem parte de uma forma antiga de organização, desde o tempo do Brasil colônia

em que a escravidão era controlada por meio da violência e essas formas de domínio social eram muito fortes.

Na obra *Brasil: nunca mais*, que é resultado de uma extensa pesquisa acerca da repressão militar por meio de processos políticos que transitaram na justiça militar brasileira no período que vigorou a ditadura militar, Arns (1985, p.53) aponta que:

Quando em abril de 1964, os militares derrubaram o presidente João Goulart e ocuparam o poder, na verdade estavam dando sequência a uma longa tradição intervencionista que remonta aos séculos anteriores da nossa história. Ainda antes da Proclamação da República e durante a época escravista registram-se inúmeros episódios de participação dos militares na repressão contra lutas populares.

Portanto, percebemos que esses pensamentos e atitudes criminosas como racismo, machismo, ódio, terror, assassinatos, preconceitos, marginalização, torturas e sua grande e insistente tentativa de controlar a mídia, fazem parte de uma antiga tradição de domínio social que perdurou por séculos e é parte desse sistema de governo autoritário.

De acordo com Schwarcz (2019, p. 184):

O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira.

O personagem Monstro, em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, recebe esse nome do autor Bernardo Carvalho, talvez porque combine com a sua personalidade agressiva e violenta. Monstro tem um discurso racista e preconceituoso, além de suas atitudes, igualmente brutais. Esse personagem representa na narrativa a herança desse discurso de ódio e intolerância contra mulheres e negros, comete violência física contra sua própria mãe, além de assassinar diversos homossexuais, apesar de o ser também: “ela entrou no quarto enquanto ele arrumava as malas e começou a falar, a chorar, a dizer que seu filho era bicha, e ele lhe deu um soco” (Carvalho, 1996, p.125).

No personagem da mãe do Monstro há a representação de um pensamento conservador, o que remonta a um pensamento antigo de intolerância enquanto a opção sexual das pessoas, a homofobia. O conservadorismo alimenta um discurso muito comum dos governos autoritários, que argumentam o retorno aos moldes de uma sociedade patriarcal, no qual não se admite assumir a sexualidade diferente de seu gênero.

Vimos na sessão anterior como esses governos buscam se legitimar e se instalar no poder. Percebemos que primeiramente esses governos utilizam estratégias para gerar o caos no Estado, aplicando manobras de manipulação social e se apresentam como solução para resolver e restabelecer a ordem. Podemos perceber a representação do caos que antecedeu a Ditadura Militar chilena em *Nocturno de Chile*, “y en Chile hubo escasez e inflación y mercado negro y largas colas para conseguir comida y la Reforma Agraria expropió el fundo de Farewell y muchos otros fundos[...]” (Bolaño, 2000, p. 62).

Para gerar o caos é comum agir por meio do que hoje conhecemos como “fake news”, que são mentiras propagadas sobre seus adversários políticos para prejudicá-los em benefício próprio. Esse é um sistema de manobra que leva a persuadir uma grande massa que não tem acesso à informação e é uma estratégia mais antiga do que podemos imaginar. Schwarcz (2019, p.31) afirma que “projetos autoritários têm a capacidade de recriar o passado e obscurecer o papel das populações que viveram e criaram outras histórias; não apenas aquela europeia e colonial. Muitas temporalidades conviveram simultaneamente”.

Aliás, a ausência da educação é um desses projetos utilizados por esses governos autoritários, pois eles se beneficiam de um sistema educacional precário para facilitar o seu domínio. Logo, não é do interesse de governos autoritários que a população alcance o ensino superior e se torne mais reflexiva, mas sim continuem a ser mera mão de obra e marionetes do governo. Portanto, não é novidade que se insista em evitar que o pobre alcance níveis mais elevados de estudos, ao passo que as condições de desigualdade social, racial e de gênero ficam cada vez mais latentes. Essa era uma grande estratégia da ditadura militar que tinha como objetivo adaptar a educação segundo os valores que pregava.

Rezende (2013, p. 46) afirma que:

Sob todos os aspectos, a educação tinha que ser estruturada de forma que ela fosse capaz de criar as condições para legitimar o regime; o que significava adaptar e ajustar as gerações vindouras aos valores concebidos como essenciais pela nova ordem social que estaria sendo criada.

Ainda nos dias de hoje muitos movimentos autoritários espalhados pelo mundo apoiam-se na criação de verdadeiras mitologias de Estado, remontam um discurso de um passado que na verdade nunca existiu.

Schwarcz (2019, p.186) continua dizendo que:

Esses novos governos têm, igualmente, recorrido a uma profusão de estratégias comuns: a seleção de um passado mítico e glorioso; a criação de um anti-intelectualismo e um antijornalismo de base; um retorno à sociedade patriarcal de

maneira a elevar conceitos como hierarquia e ordem; o uso da polícia do Estado ou, se necessário, de milícias para reprimir bandidos mas também desafetos políticos; uma verdadeira histeria sexual que acusa mulheres, gays, travestis e outras minorias de serem responsáveis pela degeneração moral de suas nações.

Assim, percebemos como esses sistemas de violência impactam a sociedade, o que é um sistema histórico e atual. É por meio dessas estratégias, que essa camada seleta de políticos, empresários e grandes latifundiários se mantém no poder, em detrimento de uma grande camada de pobres, negros, indígenas, mulheres e comunidade LGBTQIAPN+. Até nos dias atuais esses grupos marginalizados representam a grande maioria das vítimas de violência física, assassinatos, desaparecimentos, preconceitos e discriminação, e são levados a viver com medo da violência que perdura. É por meio desses sistemas que os governos autoritários mantêm os sujeitos sociais à mercê de seu domínio e em uma posição de submissão e privação de liberdade.

REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA

Por meio do discurso literário podemos construir narrativas usando a imaginação e a criatividade, visto que, a literatura tem o poder de trazer momentos históricos para compor sua criação, se utilizando de estratégias literárias que variam de um escritor para outro. Sendo assim, a literatura busca representar, no caso das narrativas históricas, fatos ocorridos em determinado período da história. Como no caso das ditaduras militares ocorridas no Brasil e no Chile, que são apresentadas nas obras de Carvalho e Bolanõ, trazendo à tona os conflitos vividos nesse período traumático. Na obra *A história ou a leitura do tempo* de Roger Chartier (2009), o autor fala sobre a designação como a “pulsão referencial do relato histórico”.

Para certificar a representação histórica do passado, Chartier fala sobre as duas propostas de Ricoeur:

A primeira, de ordem epistemológica, insiste na necessidade de distinguir claramente e articular as três “fases” da operação historiográfica: o estabelecimento da prova documental, a construção da explicação e a colocação em forma literária. A segunda resposta é menos familiar para os historiadores. Remete à certeza da existência do passado tal como a assegura o testemunho da memória (Chartier, 2010, p. 24).

As narrativas, sejam elas literárias ou históricas, constroem uma representação da realidade. Muitos autores não valorizam a literatura como documento legítimo capaz de representar histórias de sociedades, porém consideramos que a partir dela podemos acessar um imaginário social próprio de um tempo e de um lugar específico. Dessa forma não estamos

considerando apenas o conteúdo do texto narrativo, mas também o contexto social em que determinada obra foi escrita, pois “a literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social” (Borges, 2010, p.103).

A literatura, portanto, nasce a partir do contato com a sociedade, com a cultura e com a história. Por isso podemos considerá-la como representação de um mundo social e de determinado período histórico, tal como *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* e *Nocturno de Chile* retratam questões do período da ditadura militar. Vale salientar que o literato não busca escrever uma verdade absoluta, pois, essa verdade absoluta não existe na literatura, mas busca representar o que se escreve aproximando-se do real e pautando-se na ideia de ser verossímil.

Essas narrativas, como aponta Borges, podem se manifestar em diversos gêneros e são marcadas por correntes literárias que determinam a relação da literatura e da realidade, assim “nesse campo, não podemos perder de vista ainda os modos por meio dos quais o discurso literário se manifesta, como os tropos: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia” (Borges, 2012, p.100). Esses diversos tipos de narrativas apropriam-se desses recursos da retórica e da poesia para compor o seu discurso e dar significação a ele.

A metáfora é uma estratégia bastante utilizada pelos autores. Em *Nocturno do Chile* há a metáfora dos falcões e dos pombos, em que os falcões exterminam os pombos das praças das igrejas europeias. Padre Sebastián aprende isso quando foi encarregado por Odeim e Oido de viajar para a Europa e escrever as técnicas e conhecimentos para ensinar aos chilenos. Essas cenas ocorrem com frequência em processo de aprendizagem, e irá ocorrer mais tarde no Chile com o regime ditatorial, onde os mais fortes (militares) exterminaram os mais fracos (civis).

Além das metáforas, há a repetição exagerada de frases nas duas obras, frases que se repetem continuamente no decorrer da narrativa. De acordo com Silva (2008, p. 5) “A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar nova dimensão aos fatos antes enterrados”.

Em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, há a metáfora de um tumor que nasce na cabeça do protagonista e de outras personagens, o tumor primeiramente enlouquece e depois leva a um processo de perda de identidade. O que pode remeter à loucura e perda de identidade dos agentes sociais brasileiros, causada pelo grande tumor que foi o regime ditatorial.

As figuras de linguagem trabalham para dar uma nova dimensão ao texto, trazendo novos sentidos a leitura. Nas obras literárias em análise há presença constante de figuras de linguagem, utilizadas pelos autores para dar significação a questões como violência e trauma, que vão além do que as palavras podem expressar, por isso utilizam recursos na representação dessas condições reais que buscam evidenciar.

Considerando a isomorfia dos romances como uma estratégia literária, verificamos que a obra *Nocturno de Chile* não é dividida em capítulos, causa estranhamento o fato de haver somente dois pontos parágrafos no livro, sendo o último parágrafo uma pequena frase ao final do livro. Os pontos seguidos são muito frequentes, não há indicações de fala e o autor faz o uso frequente de elipses, mistura a voz do narrador e a voz das personagens, ficando por conta do leitor a interpretação.

A estrutura se junta ao título *Nocturno de Chile*, que logo no início sugere que a leitura se trata do crepúsculo, de momentos sombrios do Chile. Assim, concluímos que essa estrutura que não possui capítulos e se fala seguidamente, é uma estratégia discursiva do autor para sufocar o leitor, para que esse compreenda ou se coloque no lugar do personagem que sente a angústia em falar do trauma histórico.

De acordo com Ginzburg (2012, p. 30) as estratégias que fazem o uso de figuras, como a elipse, permitem dar diversas interpretações ao texto em seu contexto:

Imagens de excessos são muito comuns em cenas de agressões, como procedimento de intensificação. Elipses aparecem frequentemente em cenas após um ato de violência, sugerindo que foi invadido um terreno aquém do verbal, em que o que está sendo envolvido não pode ser expresso adequadamente em palavras.

Em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, por sua vez, apresenta-se com estrutura dividida por capítulos. Além de o tempo da obra se apresentar no passado, nas memórias do protagonista, também se passa no presente, estando composta em um jogo entre passado e presente em uma dupla narrativa que confunde o leitor e remete ao estado psíquico confuso que as personagens se encontram. Esse estado de loucura e confusão mental das personagens é sugerido logo no título da obra *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, e se confirma posteriormente com a loucura e perda de identidade do protagonista e outras personagens, o que nos remete ao estado perturbador da sociedade da época da ditadura militar brasileira, como encontramos em Carvalho (1996, p. 60):

Suas palavras começavam a fazer sentido de novo – ou talvez fosse eu que já estava vivendo dentro do delírio dele – ou era o meu desde o começo? Olhei para o acompanhante, que continuava dormindo, e pensei se aquela não seria uma outra tática de controle, se não encenava o sono justamente para que o psiquiatra falasse e eu escutasse.

Fato importante sobre a obra brasileira é que algumas personagens não possuem nomes, apenas apelidos, ocorrendo uma forma de desumanização dessas personagens, o que nos faz refletir sobre o estado em que se encontravam as pessoas que viveram essas ditaduras, que

perderam a identidade, a sanidade, perderam entes queridos, perderam a liberdade e até mesmo a vida e tantas perdas importantes.

A morte é outra temática presente nas duas obras, nas quais se tem fortemente sugerida a tortura e eliminação dos opositores políticos da ditadura militar, como o que ocorreu com as vítimas do Monstro em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* e como o que ocorria no centro de tortura na casa de Maria Canales, em *Nocturno do Chile*.

Silva (2013, p. 28-29) aponta que:

Violência e melancolia articulam o campo da estética em torno da perda, da dissociação e, muito frequentemente, da morte. A figura exemplar desse campo é o corpo cadavérico. A estética violência trabalha com o movimento tenso entre a vida e a morte, que admite recursos como a fragmentação, o grotesco, o objeto e o choque.

Os narradores das obras, além de outras personagens presentes nas narrativas constituem exemplos desses corpos cadavéricos, de corpos dominados pela melancolia. Silva (2005, p.43) aponta que “A verdade parece residir agora no trauma: no corpo como anteparo dessa ferida; num corpo-cadáver que é visto como uma protoescritura que testemunha o trauma”.

Nocturno de Chile se apresenta em um tempo cronológico, no entanto, por vezes essa linearidade é confusa, pelo estado deteriorado da sanidade do narrador, o que pode refletir o momento conturbado em que o país atravessa. Em *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* existe uma descontinuidade estrutural no que se refere ao tempo da narrativa. As duas condições de narração dos romances constituem perspectivas melancólicas.

Além desse aspecto geral da representação literária, Delcastagne (2013, p.19) aponta outro aspecto indispensável para analisarmos, ao afirmar que “Um dos sentidos de representar é, exatamente, falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes, legítimo, frequentemente, autoritário – e o primeiro adjetivo não exclui necessariamente o segundo”.

Assim, podemos analisar tanto a posição social dos autores como também dos narradores das obras que falam em nome do outro e, geralmente, estão ausentes os representantes das classes populares, bem como, de outros segmentos sociais.

O narrador de *Os bêbados e Os Sonâmbulos* é um militar homossexual que fez parte do grupo autoritário que torturava os civis e, mais tarde, passou a ser perseguido e ameaçado de morte por aqueles que antes eram os seus companheiros. O narrador de *Nocturno de Chile* é um

padre e crítico literário que estava sempre junto aos escritores, mas que também prestou serviços aos militares. Percebe-se que narra com tormento o que antes vivenciava com frieza.

Portanto, temos narradores que representam a voz do opressor e tomam esse lugar de fala de uma forma cruel, pois falar da violência sendo um agente da violência configura uma forma tortuosa de frieza, havendo na fala a ausência de qualquer empatia. E esse vazio que se encontra dentro desses agentes da opressão desencadeia uma melancolia profunda e a inevitável necessidade de narrar.

Bolaño (2000, p. 26) fala dessa melancolia que afeta o personagem e narrador padre Sebastián, referindo-se a ela como a bile negra: “esta bñlis negra que hoy me corroe y me hace flojo y me pone al borde de las lágrimas al escuchar lãs palabras del joven envejecido”. E finaliza afirmando que “Y después se desata la tormenta de mierda” (Bolaño, 2000, p. 96).

Nessas passagens percebemos a depressão e o tormento em que se encontra o personagem diante da necessidade de narrar e ser ouvido sobre os fatos que antes havia silenciado, enquanto agente omissor diante dos horrores da ditadura militar, corroendo-se em seu estado manifesto de profunda melancolia.

Assim, a literatura se põe a serviço e se apresenta como uma atitude responsiva diante dessa vivência histórica. Essa atitude responsiva é fruto desse paradoxo que se estabelece entre a intenção do autor e o fato histórico, o escritor precisando dar conta de falar e escrever sobre o que aconteceu. Falar sobre o trauma é, portanto, uma necessidade para o autor.

Além disso, o discurso histórico e o discurso literário contribuem para recuperar a perspectiva social e histórica de determinados contextos violentos e processos destrutivos da história que não pode cair no esquecimento. Por isso, políticas da memória são essenciais para evitar o apagamento histórico do período em que a violência contra os agentes sociais foi praticada a serviço do Estado.

MEMÓRIA E TRAUMA DA DITADURA MILITAR

A obra *Nocturno de Chile* é uma narrativa na qual Bolaño revisa a história da ditadura militar chilena por meio do testemunho do personagem padre Sebastián Urrutia Lacroix. O personagem faz uma viagem memorialística para buscar na lembrança todos os acontecimentos que narra. Na obra *Os Bêbados e Os Sonâmbulos*, Carvalho traz o protagonista e narrador no papel de um militar homossexual que também faz uma viagem memorialística para lembrar os acontecimentos. Ambas constituem uma narrativa autobiográfica que testemunham fatos

vividos por essas personagens em uma perspectiva de personagens que estiveram ao lado dos agentes autoritários.

Em *Nocturno de Chile*, o narrador, padre Urrutia, está em seu leito de morte e confuso pela idade avançada, não lembra com exatidão e dá várias possibilidades de acontecimento aos fatos que narra, como vemos no seguinte relato:

[...] conocí a Farewell, al famoso Farewell, no recuerdo con exactitud dónde, probablemente em su casa, acudí a su casa, aun que también puede que peregrinara a suficiencia em el diário o puede que lo viera por primera vez em el club del que era miembro, una tarde melancólica como muchas tardes de abril en Santiago [...] (Bolaño, 2000, p. 8).

O mesmo ocorre em *Os bêbados e Os Sonâmbulos*, quando o narrador acometido por um tumor no cérebro mudaria aos poucos a sua personalidade até se esquecer de quem fora, não sabe mais se o que fala é real ou imaginação.

A imaginação trazida pela literatura “[...] é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço” (Silva, 2008, p. 70).

Por isso os autores se utilizam de estratégias que trazem a possibilidade de construção desses testemunhos pelo próprio narrador. Seligmann-Silva (2008), fala da impossibilidade do testemunho íntegro de uma situação traumática, cabendo aos sobreviventes de catástrofes históricas a construção *a posteriori* desses testemunhos, assim a “[...] irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas, para o sobrevivente, esta ‘irrealidade’ da cena encriptada desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo” (Silva, 2008, p. 69).

De acordo com Seligmann-Silva a tarefa de rememorar a catástrofe é árdua e ambígua, pois envolve o confronto com as feridas abertas pelo trauma e a tentativa de sua superação. Ao mesmo tempo em que há necessidade de lembrar e comunicar, na maioria das vezes aquilo que se rememora é o incomunicável, a morte “[...] o indizível por excelência, que a toda hora tentamos dizer [...]” (Silva, 2003).

Os narradores esclarecem que não estão certos se esses fatos narrados aconteceram exatamente como falam, por isso utilizam a imaginação, assim como Levi (1998) revela neste hoje da sua escritura que ele não está certo se os fatos (do Lager) de fato aconteceram. Para Fernandes (2008 apud Ginzburg, 2012) a violência não atinge somente o corpo da vítima, ela causa também danos psíquicos, abalando a capacidade de compreensão dos motivos que

ocasionaram a dor e impossibilitando a articulação de um discurso coerente sobre a própria experiência vivida.

A representação do trauma é presente nas obras a partir de personagens que carregam características de um traumatizado, tendo as condições psíquicas abaladas, e trazem à tona uma memória de um passado que não passa e precisa ser narrado, como encontramos em Carvalho (1996, p. 56):

[...] Muita gente morreu. Mas é diferente. Eu nunca tinha matado um homem. Não estava consciente. Carreguei aquela consciência por nove anos praticamente. Todo mundo enlouquece para poder viver. Eu fui embora. Só isso. Depois de nove anos, achei que tinha vencido a consciência, mas ela foi me buscar no fim do mundo e se disseminou dentro da minha loucura, me fez despertar nas mãos do inimigo. [...]

Após esse período histórico de grande violência militar, os testemunhos são as formas encontradas para expor as perseguições, repressões, censuras, torturas, mortes e desaparecimentos políticos que deixaram milhares de vítimas. Quem sobreviveu para testemunhar, nos presta conta da dimensão dessas violências que sofreram essas nações.

A conservação da memória é fundamental para a formação de identidade, seja individual ou coletiva, conduzindo questões de pertencimento sobre a história. Os testemunhos traumáticos carregam consigo a necessidade de fala, e hoje são registros de uma memória social de nações que viram de perto situações de extrema violência. A literatura, por sua vez, está a serviço da construção dessa memória social.

As obras em análise representam o que foi esse período na história desses países. Ambas se apresentam no plano da memória, sendo uma espécie de relato, o que configura uma forte crítica e denúncia ao regime ditatorial. É uma escrita que dá voz a quem vivenciou a ditadura e não pôde falar naquele momento pela censura e opressão, sendo, portanto, uma necessidade de narrar, assim como aponta Seligmann-Silva (2008) ao refletir sobre a psicanálise elementar e a necessidade de narrar, diz que da mesma forma como uma paciente diante de seu psicanalista sente a necessidade de falar, o traumatizado ou sobrevivente também precisa da atenção e escuta do outro na busca de uma vida melhor. É o que se verifica em Bolaño (2000, p. 1):

Ahora me muero, pero tengo muchas cosas que decir todavía. Estaba en paz conmigo mismo. Mudo y en paz. Pero de improviso surgieron las cosas. [...] Yo estaba en paz. Ahora no estoy en paz. Hay que aclarar algunos puntos. Así que me apoyaré en un codo y levantaré da cabeza, mi noble cabeza temblorosa, y rebuscaré em el rincón de los recuerdos aquellos actos que me justifican [...]

A ditadura foi uma forma de governo pautada no autoritarismo e na violência que deixou muitas marcas de dor e sofrimento. Nessas situações a memória do trauma é sempre presente na memória individual e na memória da sociedade. Tratando-se de momentos sombrios e radicais de violências, entendemos a carência de narrar como uma necessidade.

Seligman-Silva (2008, p. 2) discute que “A necessidade de contar ‘aos outros’, de ‘tornar aos outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares”. Isso quer dizer que situações extremas como voltar de um campo de concentração, como no caso do primo Levi, ou de uma ditadura militar como as ocorridas nos países da América Latina, desencadeiam a necessidade e carência de falar dessa experiência traumática.

Nas obras em análise, as configurações de violência são muito semelhantes devido às circunstâncias históricas que retratam. Não se trata de uma percepção universalista, mas de compreender que as configurações de violência desses governos autoritários se estabeleceram de forma muito semelhante nesses países no período da ditadura. Por isso a memória que se tem do período ditatorial se apresenta de forma parecida nas obras, ambas abordam a tortura como um método utilizado pelos militares. Um exemplo dessa constatação em Bolaño (2000, p. 90) “Los subversivos pasaban por lossótanos de Jimmy, en donde éstelosinterrogaba, les extraía toda lainformación posible, y luego losremetía a otros centros de detención”. Bem como o que encontramos em Carvalho (1996, p 60):

Quando cheguei, ele estava sozinho no cubículo frio e escuro. Conversei com ele, disse que era melhor ele falar logo tudo, melhor para ele para mim. Mas não abriu a boca. Por isso, resolveram começar as sessões naquela mesma noite. Por isso me chamaram, porque ele não abria a boca desde que tinha chegado. Não havia meios, ainda que tenha falado do advogado e da empresa, exigia um advogado, até alguém rir e lhe dar um murro na cara. Quando cheguei, parece que estava com a cara arrebatada, mas no escuro eu não via.

Podemos perceber que os centros de detenção e tortura são presentes na obra brasileira e na obra chilena, apesar de as circunstâncias históricas desses países apresentarem suas particularidades. A memória social transborda o tempo e o espaço, se mesclando no que têm de parecidas: o trauma da violência da ditadura militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações reais do tempo e do espaço são responsáveis por criações literárias que são uma espécie de representação social, histórica e cultural, estabelecendo o imaginário e a memória de um determinado tempo, espaço e sociedade. Assim sendo, entendemos as obras *Os*

Bêbados e Os Sonâmbulos e Nocturno de Chile, como uma representação do que foi a ditadura militar e como essas narrativas literárias são fundamentais para dar conta da criação do imaginário e da memória social de determinado período histórico.

As relações de conflitos entre os governos autoritários e os sujeitos sociais são bastante evidentes nas narrativas, ao trazerem fatos históricos para dentro da sua composição artística. Constatamos a tortura, a censura, os assassinatos, os desaparecimentos, os discursos de ódio, entre outros tipos de violência cometidos durante o período ditatorial, evidenciando como ocorriam as relações conflituosas naquele contexto histórico. Dessa forma, podemos perceber como o discurso histórico e o discurso literário estão associados na construção das obras analisadas, relacionando realidade e ficção para representar aspectos importantes da ditadura militar.

Ao analisarmos o conteúdo literário das obras *Os Bêbados e Os Sonâmbulos e Nocturno de Chile*, constatamos que ambas retratam a total falta de consideração pelos princípios dos direitos humanos durante períodos de ditadura militar por parte do sistema opressor. Seja no Brasil ou no Chile, a instauração de uma forma de governo que aniquilou o regime democrático, deu-se por meio da violência e da repressão, principalmente das mídias, não permitindo que a população pudesse tomar consciência das atrocidades cometidas pelos governos militares autoritários.

Podemos concluir que as obras analisadas expõem duas realidades geográficas distintas, mas que possuem muitas semelhanças sociais e históricas, principalmente quando se considera a linguagem das narrativas, as quais buscam trazer um sentimento de empatia, causando angústia no leitor. Tanto a estrutura capitular de *Os Bêbados e Os Sonâmbulos* quanto a não-capitular de *Nocturno de Chile* revelam o estado de melancolia dos narradores e dos personagens diante da realidade que vivenciaram e estavam recordando através de seus escritos.

Evidencia-se, também, que as realidades vividas deixaram marcas indeléveis e que não podem e não são, facilmente, apagadas pelo tempo. Toda a confusão cronológica evidenciada na narrativa, ao confundir passado e presente, demonstra o impacto das situações vividas e como estas desencadearam traumas nos personagens, ao mesmo tempo em que lembravam os horrores vivenciados. Daí, a necessidade de falar se revelou libertadora, na medida em que a censura e a violência causaram um traumatizante silenciamento dos sujeitos sociais.

Concluindo, a partir das obras analisadas, podemos dizer que a literatura é um importante instrumento capaz de expressar as marcas deixadas na memória de nações que vivenciaram os tormentos da ditadura militar. Que essa memória literária possa contribuir para a construção de uma consciência social que combata e repudie, veementemente, qualquer forma

de governo autoritário e antidemocrático e defenda, implacavelmente, a manutenção de sistemas de governos democráticos, para a garantia dos direitos humanos, de cidadania e dignidade aos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca mais.** Petrópolis, Vozes, 1985.

BACON, Francis. **Novumorganum:** ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza [1620]. In: BACON, Francis. *Novumorganum: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza/Nova Atlândida.* Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 1-231.

BOLANÕ, Roberto. **Nocturno de Chile.** [S. L]: SibeliusEpud, 2000.

BORGES, Valdecy Rezende. **História e Literatura:** algumas considerações. *Revista de Teoria da História* Ano 1, n. 3, p. 94-104, jun., 2010.

CARVALHO, Bernardo. **Os bêbados e sonâmbulos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DESCARTES, René. **Discurso do método:** para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências [1637]. In: DESCARTES, René. *Discurso do método/Meditações/Objecções e respostas/As paixões da alma/Cartas.* Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultura, 1979. p. 25-71.

DELCASTAGNE, Regina. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia.** Campinas: Autores Associados, 2012.

GODINHO, Paula. **Realidade e literatura:** ditadura militar chilena, forclusão dos horizontes de expectativa e portas entreabertas. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0202, jan./abr., 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0202>. Acesso em 10 dez. 2023.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa.** Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

LAUB, D. **Truth and testimony:** the Process and the struggle. In Caruth, C. (org.). *Trauma. Explorations in memory* (pp. 61-75). Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

LEVI, P. **É isto um homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAIA, Gleidys. **Letras em Pesquisa**. Dez-2022. Power Point.

MARÍN, Germán. **O palácio do riso**. Lisboa: Antígona, 2016.

MENDES, A.S. Ricardo. **40 anos do 11 de setembro: o golpe militar no Chile**. Revista Estudos Políticos.n. 7, p. 172-190, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Eduel, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Apresentação da questão**. In: História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos das narrativas históricas**. **Psci. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p.65-82, 2008.

SOUZA, Roberto Acízelo de Souza. **A questão dos métodos nos estudos literários**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.49, n.4, p.471-476, out./dez., 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. São Paulo: Cultrix, 1970.